

Revive a religião na Alemanha Oriental

UWE SIEMON-NETTO

Mesmo correndo o risco de perderem *status*, os jovens da Alemanha Oriental estão-se voltando para a igreja em busca das respostas e do calor humano que o marxismo é incapaz de dar

• **E**M DRESDEN, uma professora do ensino secundário deu uma surra em sua filha de 18 anos quando descobriu que a jovem ia secretamente a reuniões religiosas.

• Em Potsdam, um oficial do Exército Nacional Popular, preocupado com sua carreira militar, fez com que seu filho fosse expulso do ginásio, pouco antes de se formar, por assistir com regularidade a aulas sobre a Bíblia, na igreja.

• Em Leipzig, há um coveiro que foi aluno ginasiano com distinção. Esse jovem foi impedido de prosseguir seus estudos superiores ou um curso profissional porque seu pai é pastor luterano.

Casos como estes não são de modo nenhum raros na República Democrática Alemã, onde o ateísmo é uma espécie de religião do Estado. Oficialmente, o regime político da Alemanha Oriental afirma tolerância em relação às comunidades religiosas. Permite que as igrejas sejam autônomas, mantenham sua própria estrutura hierárquica e possuam bens imóveis. O impedimento está em que as pessoas que pertencem a alguma religião são discriminadas e marginalizadas.

Os jovens, em especial, têm de escolher entre a religião e o Estado comunista. Aqueles que têm qualquer ligação com a Igreja não podem tornar-se oficiais do exército nem professores, e mesmo que lhes seja facultado o ingresso no nível superior, não podem esperar por colocação em altos cargos no go-

verno ou na indústria. Os filhos de pastores, em geral, não são admitidos nas faculdades.

O medo de arriscar suas carreiras, ou as de seus filhos, está levando um número cada vez maior de pais a cortar qualquer ligação com a religião. Desde 1950, o total de cristãos evangélicos nessa região predominantemente protestante da Alemanha diminuiu de 14,6 milhões para 8,5 milhões – menos de metade da população da Alemanha Oriental, de quase 17 milhões de habitantes. Dentro de 20 anos, segundo concluíram alguns ministros da Igreja, a velha religião estaria morta na República Democrática Alemã.

No entanto, algo de inesperado aconteceu. Em número cada vez maior, os jovens começaram a voltar-se para a religião com um fervor que leva os teólogos, surpreendidos, a falarem de um renascimento. Brotaram por toda a Alemanha Oriental centros religiosos, onde se reúnem milhares de jovens nos fins de semana, para cantar, orar e debater assuntos em comum.

Um desses centros situa-se em Grosshartmannsdorf, perto de Freiberg, na Saxônia, vila de dois mil habitantes que se orgulha de ter uma encantadora igreja com um órgão Silbermann mundialmente famoso. Um fim de semana por mês, congrega-se ali uma multidão de 1.700 jovens para celebrar serviços religiosos. Não há divertimentos: o Estado requer uma licença oficial (raramente concedida) para todas as reuniões religiosas que te-

nam em seus programas mais do que oração, canto coral e aulas sobre a Bíblia. Tendo o cuidado de não antagonizar as autoridades oficiais, os organizadores destas reuniões aboliram o álcool, o fumo, os bailes e o teatro amador. Além disso, elas não são anunciadas oficialmente. Notícias dessas reuniões espalham-se por meio de «boatos cristãos», sistema de comunicação verbal que funciona tão bem que chegam a vir participantes de locais tão distantes como Rostock e Stralsund, no mar Báltico.

Então, que é que atrai os jovens a esses encontros? «A nossa alegria em nossa fé não necessita de outros incentivos», diz o pastor Christoph Richter, de 49 anos, do sínodo da Saxônia. Ele é o criador dessas reuniões juvenis que, com igual entusiasmo, se têm realizado em Leipzig, Dresden, Görlitz, Crimmitschau, Ilmenau e Potsdam.

Só cerca de 20% dos jovens que assiduamente encham a igreja do pastor Richter provêm de famílias de tradições religiosas, e poucos são os que estão familiarizados com os ritos da religião. Quase todos receberam o *Jugendweihe*, o equivalente comunista da crisma. A maior parte pertence à FDJ (Freie Deutsche Jugend – Juventude Alemã Livre), e muitos são membros da Sociedade Tecnológica e Esportiva, uma organização paramilitar de defesa do socialismo.

Na escola, e muitas vezes em casa, os jovens ouvem dizer que religião é superstição, que é o «ópio do

povo». Até há pouco tempo, nunca haviam posto isso em causa.

«Comecei então a pensar que algo faz muita falta no materialismo», disse-me a filha da professora que tinha sido espancada por ir a reuniões religiosas, quando me sentei a seu lado na igreja. «Vêm-se pessoas sofrendo, ficando velhas, morrendo, e então começamos a fazer-nos talvez as perguntas mais importantes na vida. O marxismo não tem respostas para elas.»

A moça contou-me que tinha meditado cerca de quatro horas sobre o pecado, a consciência, o amor e o sentido da própria vida, mas que ninguém queria – ou ousava – discutir esses assuntos vitais com ela.

Depois, começou a observar um jovem casal, serenamente feliz, que vivia no seu prédio. «São uns excêntricos, freqüentam a igreja», disse com desprezo sua mãe. A jovem, porém, bateu-lhes à porta uma tarde. «Foram muito simpáticos, ouviram meus problemas e sugeriram-me que me juntasse a eles num desses encontros religiosos», disse ela. «Achei-me num mundo novo. A conversa livre e aberta e o maravilhoso calor humano fizeram-me ciente, pela primeira vez, da frieza da sociedade onde eu crescera.»

«Essa história», disse um pastor empenhado na investigação do renascimento religioso na R. D. A., «é típica de muitos dos jovens que nos vêm procurar. Os ritos da Igreja, sua linguagem e formas de comunicação criam uma atmosfera que difere radicalmente do monótono

mundo socialista. A juventude é atraída por isso, como também pela possibilidade de poder discutir com o pastor ou o diácono assuntos que ainda são tabus na R. D. A., como sexo, por exemplo.»

Embora a pílula anticoncepcional seja distribuída livremente e os abortos sejam gratuitos, a R. D. A. é um Estado puritano. O tema do sexo é uma «batata quente».

Inicialmente, o que levou o filho do oficial de Potsdam a contactar o pastor foram os problemas da puberdade. Ele necessitava de esclarecimentos sobre a vida sexual, e perguntou a um companheiro, obviamente menos perturbado que ele, onde tinha conseguido informações. «Ora, do nosso pastor», respondeu-lhe. «Ele nos explica as coisas de maneira clara.» O filho do oficial achou a ajuda de que precisava e encontrou também a religião.

As relações entre os jovens dependem, em parte, da personalidade do pastor. O pastor Theo Lehmann, de Schlosskirche, em Karl-Marx-Stadt, usa cabelo comprido até os ombros e, durante os serviços juvenis, veste um suéter de gola rulê e calças pretas de veludo *côtelé*. Clérigo inteligente, de 43 anos, seu interesse baseia-se, em grande parte, na habilidade de transformar a música evangélica e *pop* numa atraente, mas piedosa, linguagem. Em seus serviços para a juventude, todos os segundos domingos de cada mês, junta-se uma multidão de cerca de duas mil pessoas, algumas vindas das redonde-

zas e outras de lugares muito afastados como Mecklenburg, Berlim Oriental e Halle-an-der-Saale.

Com poucas exceções, os ídolos dos jovens cristãos da Alemanha Oriental são produto da obra missionária das igrejas nacionais – pastores que seguem a Bíblia literalmente e que vêm nas eternas crises do Oriente Médio os presságios do monte de Megido, do Apocalipse. A tendência para a religião é essencialmente antiintelectual e fundamentalista, e aqueles que põem em dúvida os ensinamentos da Bíblia arriscam-se a ser rejeitados pelos jovens cristãos.

O movimento não se opõe abertamente ao Estado. As críticas da Igreja ao regime de seu país têm de ser demasiado sutis, de modo a não porem em perigo o pastor que as profere. Numa referência indireta ao Muro de Berlim, ele pode inspirar seu sermão nas Lamentações de Jeremias, onde muros de pedras e bocados de rocha são frequentemente mencionados; ou, quando alastra um incêndio florestal incontrollável na Alemanha de Leste, o pastor pode orar «pelos nossos irmãos». Irmãos em Cristo, evidentemente, mas também (só que ele não o diz) irmãos da Alemanha Federal, com quem os propagandistas da Segurança do Estado não desejam qualquer contato fraternal.

Apesar do regime, há ainda mais sinais de um ressurgimento religioso na R. D. A.: concertos religiosos de órgão, a que assistem multidões de jovens; pessoas viajando de ca-

rona procurando alojamento por uma noite em paróquias chamadas de «hotéis das batinas negras».

É cada vez maior a afluência de estudantes diplomados que se vêm interessando pela profissão clerical. O número de estudantes de teologia aumentou de 770, em 1972, para 885 hoje em dia. O Seminário Teológico de Leipzig recebe pedidos de entrada que duplicam suas 40 vagas por ano, apesar de saberem os futuros pastores que os espera uma luta difícil. Depois de cinco anos de estudo e um de estágio num vicariato, um pastor na R. D. A. enfrenta uma relativa pobreza. O salário raramente excede 800 marcos por mês, ou seja, um quinto do que um velho pastor de 50 anos com quatro filhos ganha na Alemanha Federal.

Até agora, o Ocidente ainda envia contribuições que, em parte, são utilizadas na realização de obras para os jovens. Essas doações discretas são chamadas de «a chuva de ouro», mas os cristãos da R. D. A. suspeitam de que esta chuva parará um dia, pois as estatísticas mostram uma baixa no número de cristãos praticantes na Alemanha Federal, e (assim como na R. D. A.) os rendimentos da Igreja estão também diminuindo.

«Virá o tempo», profetiza um membro do sínodo de Dresden, «em que desaparecerão esses cristãos que nos ajudam. As doações enviadas através da fronteira cessarão e seremos de novo o que era a Igreja primitiva: pobre, pequena, talvez perseguida... mas viva.» ▲